




SIQUIRJ

INFORMA

Nº 171

Jan/2016

Exportações subiram para 16%, superando 13,6% em 2010

Com produção menor, peso das exportações aumenta na indústria

Em 6 de 23 setores industriais, a participação das exportações na produção já voltou ou superou o nível de dez anos atrás. Na comparação com o fundo do poço da exportação de manufaturados, em 2010, apenas dois setores ainda estão no negativo.

O impacto dessa recuperação do coeficiente de exportação da indústria, contudo, é ilusório, pois se dá sobre uma produção menor em volume e tecnologicamente mais pobre. A indústria exportou, nos primeiros nove meses do ano passado, 16% de tudo que produziu, percentual superior aos 13,6% de 2010. O volume produzido, contudo, foi mais de 10% menor na mesma comparação.

Apesar do câmbio, que devolveu uma boa dose de competitividade à indústria nos últimos quatro anos, o retorno a patamares mais altos e de maior densidade tecnológica na exportação vai demorar por conta de um efeito que os economistas chamam de "histerese" da relação câmbio e competitividade. Em grego, histerese significa atraso.

Quando a indústria vem de um forte período de valorização da moeda e a perda de valor da divisa ocorre de forma errática, com muita volatilidade, esse intervalo pode ser mais longo. "A reação da indústria ao patamar mais competitivo do real vai demorar", resume Paulo Gala, professor da Escola de Economia da Fundação Getúlio Vargas em São Paulo (EESPFGV) e economista da Fator Administração de Recursos. O atraso na reação industrial também está relacionado à perda de densidade tecnológica da produção industrial brasileira, observa Gala.

Renato da Fonseca, gerente de Pesquisa e Competitividade da Confederação Nacional da Indústria (CNI), lembra que não foi apenas o câmbio o responsável pela redução das exportações de manufaturados. Ao mesmo tempo em que o real estava apreciado, o mercado doméstico crescia mais do que o mundo. Entre 2004 e 2010, a absorção interna cresceu 43%, bem acima do crescimento mundial, de 34%. Agora, além de um câmbio mais competitivo, as indústrias têm pela frente um encolhimento da demanda interna de 10% no biênio 2015/2016.

"O mundo está crescendo pouco, mas está crescendo. O aumento da demanda externa, enquanto a interna encolhe, também impulsiona as exportações. Não é uma boa razão, mas é real", diz ele. Nas previsões do Fundo Monetário Internacional (FMI), o Produto Interno Bruto (PIB) mundial crescerá 6,8% no mesmo período.

Como consequência da queda do PIB, há excesso de capacidade ociosa na indústria brasileira, o que deve levar alguns setores a tentar reativar os canais de exportação, mesmo com margens baixas, diz David Kupfer, diretor do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Há outros segmentos, porém, em que esse processo vai demorar mais, porque certa readequação dos processos de produção se faz necessária. "Quem comprava já tem outros fornecedores, com inovações tecnológicas, aperfeiçoamentos que a gente não acompanhou.", afirma Kupfer.

Muitas indústrias, diz Gala, ficaram muito tempo fora do mercado exterior e precisam achar os clientes de novo, estabelecer linhas de crédito, remontar equipes de pós-venda, entre outros mecanismos fundamentais para atuar no exterior.

Em parte, essa estratégia esbarra nas cadeias globais, avalia Fonseca. Em muitos casos, diz ele, cada fábrica produz um pedaço de um bem final ou um modelo de automóvel. "A lógica de deslocamento da produção já não funciona para todos os setores", afirma.

Fonte: Valor

Editorial

IEDI – Para vencer a crise.

O Governo não cortará gastos em um ano de eleições municipais e a economia deprimida resultará, mais uma vez, na queda do PIB em 2016; neste cenário, a ameaça da hiperinflação se aproxima. Esperemos que nunca aconteça.

Mas controlar a inflação via aumento de juros complica o quadro porque encarece o investimento, realimenta a dívida pública e turbinha o desequilíbrio fiscal. É uma má ideia.

Destruir a economia não será possível sem uma ação firme de ajustar as despesas correntes do governo (em um ano eleitoral, cortar gastos? Fora de cogitação).

A recessão do consumo desde a produção industrial até o tenaz segmento de serviços, só faz aumentar o desemprego no setor privado.

No setor privado, que fique claro, porque o Governo não demite nem reduz o seu tamanho da máquina administrativa (sabe como é... as eleições...) e a solução fácil é cortar investimentos governamentais em logística, infraestrutura, saúde/saneamento, educação e segurança. Ou seja, teremos mais do mesmo.

A desvalorização do real estimula a exportação, barra as importações e preserva o mercado interno para produtos nacionais.

A proteção pode estimular os investimentos privados principalmente na indústria, que junto com o agronegócio, são vias para a saída da crise.

Este também é o pensamento do IEDI – Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial: devemos reorganizar as indústrias de base e integrá-las às grandes cadeias produtivas globais, via aumento de produtividade e absorção de tecnologias avançadas, promovendo a inovação e a criatividade.

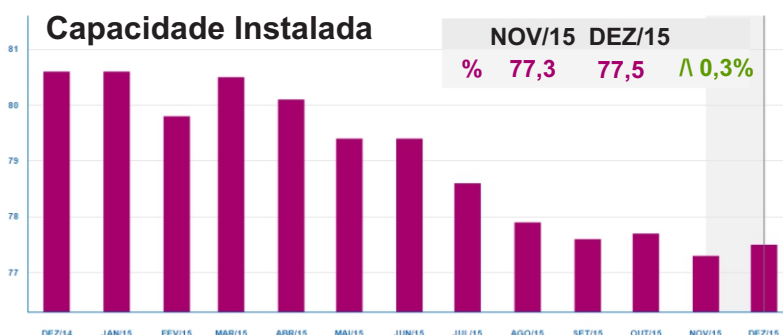
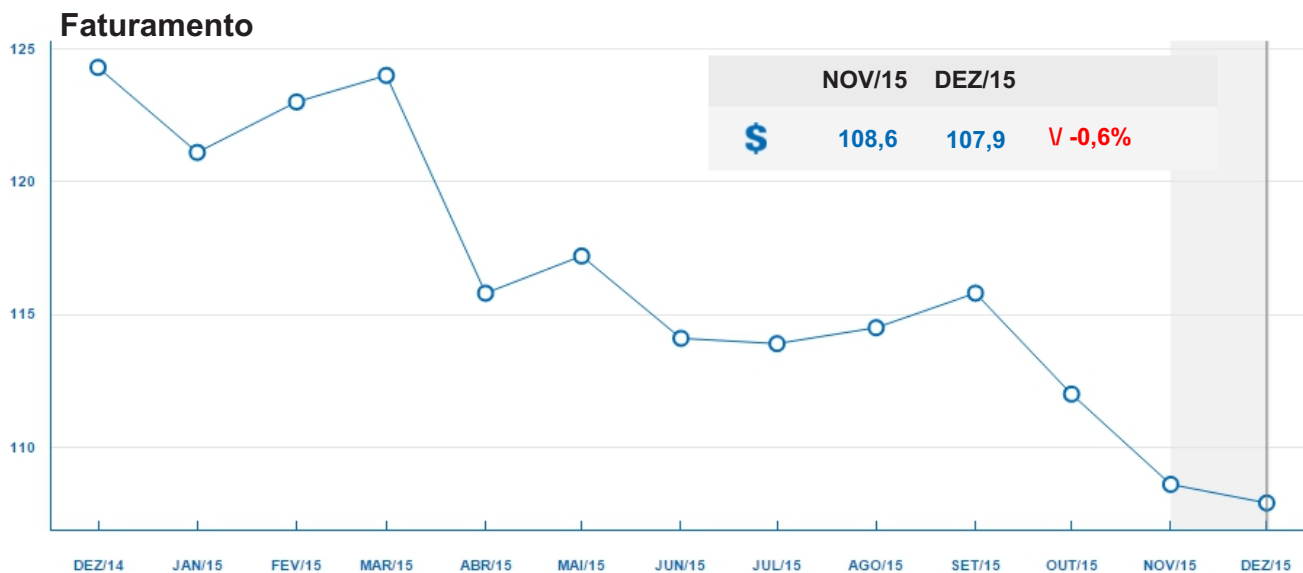
Estímulos fiscais para estas ações, ao invés de aumento de impostos, são essenciais à retomada do crescimento econômico de forma definitiva, sustentável.

Faturamento da indústria encerra 2015 com queda de 8,8%

A intensificação da crise econômica agravou ainda mais o desempenho do setor industrial em 2015. O faturamento da indústria diminuiu 8,8%, as horas trabalhadas caíram 10,3% e o emprego teve queda de 6,1% no ano passado na comparação com 2014. As informações são da pesquisa Indicadores Industriais, divulgada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) em 1º de fevereiro.

Em dezembro, os índices de emprego e de horas trabalhadas tiveram queda pelo 11º mês consecutivo. Enquanto o emprego retraiu 0,2% na comparação com novembro, na série livre de efeitos sazonais, as horas trabalhadas reduziram 0,9% no período. Já o faturamento ficou 0,6% abaixo do registrado em novembro.

Conforme a pesquisa, embora a utilização da capacidade instalada tenha crescido 0,2 ponto percentual em dezembro frente a novembro, a ociosidade na indústria continuou elevada. O setor operou, em média, com apenas 77,5% da capacidade instalada na série sem influências sazonais. A massa salarial diminuiu 0,2% em dezembro frente a novembro, na série dessazonalizada. Já o rendimento do trabalhador cresceu 0,8% na mesma comparação.



Fonte: CNI

Temor com relação à China pesa mais sobre expectativas

A expectativa de desaceleração da economia global tem peso significativo na forte trajetória de queda dos preços do petróleo, mas, quando o assunto é a demanda, são as perspectivas com relação à China que atualmente dão as cartas nesse mercado, avaliam especialistas. Anteontem, o Fundo Monetário Internacional (FMI) reduziu em 0,2 ponto percentual as projeções de crescimento para a economia global em 2016 (alta de 3,4%). Para a China, a expectativa é de avanço de 6,3% do PIB neste ano, após alta de 6,9% no PIB do ano passado - a menor em décadas.

Em meados de 2014, quando começou o movimento mais recente de queda do petróleo, o aumento da produção americana pesava mais nessa trajetória, diz Fabio Silveira, diretor de pesquisas econômicas da GO Associados. "Hoje, o principal motivo de insegurança é a nebulosidade em relação ao desempenho da economia chinesa, cujos dados são de uma incerteza atroz", afirma.

Segundo o economista da GO, a China deve crescer entre 5% e 6% neste ano, o que ainda mantém espaço para algum aumento no consumo de petróleo. É a expectativa de uma desaceleração bem mais forte mais à frente que tira o sono do mercado, diz Silveira, que não acredita em impacto positivo da troca do motor da economia chinesa - das exportações para o consumo interno - sobre a demanda por petróleo, pois esse ciclo deve levar tempo para se confirmar.

Além dos efeitos da redução da demanda chinesa, crucial porque o país é o segundo maior consumidor de petróleo, responsável por cerca de 10% do consumo global, o economista-chefe da INVX Global, Eduardo Velho, ressalta que é preciso incluir nessa conta o contágio dessa desaceleração sobre a renda de países que exportam para a China e, conseqüentemente, sobre a demanda desses países por petróleo. "Quando começam a reduzir as exportações para a China, países do leste asiático e da Europa passam a ter menos dinheiro para o petróleo", afirma Velho.

Fonte: Valor

SIQUIRJ

Sindicato da Indústria de Produtos Químicos para Fins Industriais do Estado do Rio de Janeiro

Filiado à FIRJAN

Av. Calógeras, nº 15 - 12º andar
Centro - Rio de Janeiro - RJ
CEP 20030-070
Tel.: (21) 2220-8424
e-mail: siquirj@siquirj.com.br
home page: www.siquirj.com.br

Diretoria Plena - Triênio 2013/2016

Isaac Plachta - **Presidente**

Antonio Berdge Kessedjian
Antonio Emilio Meireles
Carlos Mariani Bittencourt
Carlos Oliveira Cruz
Carlos Roberto da Silva
Celso da Silva Bueno
Ciro Alves
Edson Kleiber de Castilho
Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira
Flavio Costa Abreu
Gilson Luiz Maurity Santos
Lenilson Marcelo Bezerra
Lincoln Rosa
Manoel Moysés Zauberman
Marjorie Arias
Nélio Augusto Manhães Rodrigues
Nicolau Pires Lages
Paul Antoine Maron Gédéon
Roberto Pinho Dias Garcia
Ronaldo Valle Monteiro
Rubens Muniz

(Relação em Ordem Alfabética)